

O BAILE DO JUDEU

(CONTO DO AMAZONAS)

Ora um dia lembrou-se o Judeu de dar um baile, e atreveu se a convidar a gente da terra, a modo de escarneo pela verdadeira religião de Deus Crucificado, não esquecendo no convite familia alguma das mais importantes de toda a redondeza da Villa. Só não convidou o Vigario, o Sachristão, nem o andador das almas, e menos ainda o Juiz de Direito ; a este por medo de se metter com a Justiça, e aquelles pela certeza de que o mandariam pentear macacos.

Era de suppôr que ninguem accudisse ao convite do homem que havia pregado as bentas mãos e os pés de Nosso Senhor Jesus-Christo n'uma cruz, mas ás oito horas da noite d'aquelle famoso dia, a casa do Judeu, que fica na rua da frente, a umas dez braças quando muito da barraanca do rio, já não podia conter o povo que lhe entrava pela porta dentro ; cousa digna de admirar-se hoje que se prendem bispos e por toda a parte se desmascaram lojas maçonicas, mas muito de assombrar n'aquelles tempos em que sempre havia algum temor de Deus e dos mandamentos de sua Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana.

Lá estavam em plena judiaria, pois assim se póde chamar a casa d'um malvado Judeu, o tenente-coronel Bento de Arruda, commandante da guarda nacional, o capitão Coutinho, commissario das terras, o dr. Figueiras, o delegado de policia, o collector, o agente da companhia do Amazonas ; toda a gente grada, enfim, pretextando uma curiosidade desesperada de saber si de facto o Judeu adorava uma cabeça de cavallo, mas na realidade movida da noticia da excellente cerveja Bass e dos sequilhos que o Judeu

arranjára para aquella noite, entrava alegremente no covil d'um inimigo da igreja, com a mesma frescura com que iria vizitar um bom christão.

Era em Junho, n'um dos annos de maior enchente do Amazonas. As aguas do rio, tendo crescido muito, haviam engulido a praia, e iam pela ribanceira acima, parecendo querer innundar a rua da frente, e ameaçando com um abysmo de vinte pés de profundidade os incautos trans-euntes que se approximavam do barranco.

O povo que não obtivera convite, isto é, a gente de pouco mais ou menos, apinhava-se em frente á casa do Judeu, brilhante de luzes, graças aos lampeões de kerozene, tirados da sua loja, que é bem sortida. De torcidas e oleo é que elle devia ter gasto suas patacas n'essa noite, pois quanto aos lampeões, bem lavadinhos e esfregados com cinza, hão de ter voltado para as prateleiras da loja.

Começou o baile ás 8 horas, logo que chegou a orchestra, composta do Chico Carapanam, que tocava violão, do Pedro Rabequinha e do Raymundo Penaforte, um tocador de flauta de que o Amazonas se orgulha. Muito póde o amor ao dinheiro, pois que esses pobres homens não duvidaram tocar na festa do Judeu com os mesmos instrumentos com que acompanhavam a missa aos domingos na Matriz; por isso dous d'elles já foram severamente castigados, tendo o Chico Carapanam morrido afogado um anno depois do baile, e o Pedro Rabequinha soffrido quatro mezes de cadeia por uma descompostura que passou ao capitão Coutinho a proposito d'uma questão de terras.

Muito se dançou n'aquella noite, e, a fallar a verdade, muito se bebeu tambem, porque em todos os intervallos da dança lá corriam pela sala os copos da tal cerveja Bass que fizera muita gente boa esquecer os seus deveres. O contentamento era geral, e alguns tolos chegavam mes-

mo a dizer que na Villa nunca se vira um baile igual!

A rainha do baile era incontestavelmente a D. Mariquinhas, mulher do tenente-coronel Bento de Arruda, casadinha de trez semanas. Alta, gorda, tão rosada que parecia uma portugueza, a D. Mariquinhas tinha uns olhos pretos que haviam transtornado a cabeça a muita gente; e o que mais n'ella encantava era a facciance com que sorria a todos, parecendo não conhecer maior praser do que ser agradavel a quem lhe fallava. O seu casamento fôra por muitos lastimado, embora o tenente-coronel não fosse propriamente um velho, pois não passava ainda dos cincoenta; diziam todos que uma moça nas condições d'aquella tinha onde escolher melhor, e fallava-se muito d'um certo Lulú Valente, rapaz dado a caçoadas de bom gosto, que morrera pela moça e ficara fóra de si com o casamento do tenente-coronel; mas a mãe era pobre, uma simples professora regia! O tenente-coronel era rico, viuvo, sem filhos, e tantos foram os conselhos, os rogos e agrados, e segundo outros, as ameaças da velha, que a D. Mariquinhas não teve outro remedio senão mandar o Lulú ás favas, e casar com o Bento de Arruda; mas nem por isso perdeu a alegria e amabilidade, e na noite do baile do Judeu estava deslumbrante de formosura, com o seu vestido de nobreza azul celeste, as suas pulseiras de esmeraldas e rubins, os seus bellos braços brancos e roliços, d'uma carnadura rija; e alegre como um passarinho em manhã de verão. Si havia porém n'esse baile alguem alegre e satisfeito de sua sorte era o tenente-coronel Bento de Arruda que, sem dançar, encostado aos humbraes d'uma porta, seguia com o olhar apaixonado todos os movimentos de sua mulher, cujos vestidos, ás vezes, no rodopiar da valsa, vinham roçar-lhe as calças brancas, causando-lhe calafrios de contentamento e de amor.

A's onze horas da noite, quando mais animado ia o baile, entrou de repente um sujeito baixo, feio, de casacão comprido e chapéu desabado, que não lhe deixava vêr o rosto, escondido também pela goila levantada do casacão. Foi direito a D. Mariquinhas, deu-lhe a mão, tirando-a para uma contradança que se ia começar.

Foi muito grande a surpresa de todos, vendo aquelle sujeito de chapéu na cabeça, e mal amanhã, atrever-se a tirar uma senhora para dançar, mas logo cuidaram que aquillo era uma troça, e puseram-se a rir com vontade, acercando-se do recémchegado para ver o que faria. A propria mulher do Bento de Arruda ria-se a bandeiras despregadas, e ao começar a musica lá se pôz o sujeito a dançar, fazendo muitas macaquices, segurando a dama pela mão, pela cintura, pelas espaduas, n'uns quasi — abraços lascivos. parecendo muito enthusiasmado. Toda a gente ria, inclusive o tenente-coronel, que achava uma graça immensa n'aquelle desconhecido a dar-se ao desfructe com sua mulher, cujos encantos, no pensar d'elle, mais se mostravam n'aquellas circumstancias.

— Ora já viram que typo ! Já viram que gaiatice ! E' mesmo muito engraçado, pois não é ? Mas quem será o diacho do homem ? E esta de não tirar o chapéu ? E parece ter medo de mostrar a cara... Isto é alguma troça do Manduca Allayate ou do Lulú Valente ! Ora não é, pois não se está vendo que é o immediato do vapor que chegou hoje ! E' um moço muito engraçado, apesar de portuguez ! Eu outro dia o vi fazer uma em Obidos que foi de fazer rir as pedras ! Agoente, D. Mariquinhas, o seu par é um decidido ! Toque para diante, seu Rabequinha, não deixe parar a musica no melhor da historia !

No meio destas e d'outras exclamações semelhantes, o original cavalheiro saltava, fazia tregeitos sinistros, dava guinchos esturdios, dançava

desordenadamente, agarrado á D. Mariquinhas, que já começava a perder o folego e parara de rir. O Rabequinha friccionava com força o instrumento e saccudia nervosamente a cabeça; o Carapanam dobrava-se sobre o violão e callejava os dedos para tirar sons mais fortes, que dominassem a vozeria; o Penaforte, mal contendo o riso, perdera a embocadura, e só conseguia tirar da flauta uns estridulos sons desafinados, que augmentavam o burlesco do episodio; os trez musicos, electrisados pelos applausos dos circumstantes e mais pela originalidade do caso, faziam um supremo esforço, enchendo o ar d'uma confusão de notas agudas, roucas e estridentes, que dilaceravam os ouvidos, irritavam os nervos, e augmentavam a excitação cerebral de que elles mesmos e os convidados estavam possuidos.

As risadas e exclamações ruidosas dos convidados, o tropel dos novos expectadores que chegavam em chusma do interior da casa e da rua, acotovellando-se para ver por sobre a cabeça dos outros; e as notas discordantes do violão, da rabeça e da flauta, e sobretudo os grunhidos sinistramente burlescos do sujeito de chapéu desabado abafavam os gemidos surdos da esposa do Bento de Arruda, que começava a desfallecer de cansaço, e parecia já não experimentar prazer algum n'aquella dança desenfreada que alegrava a tanta gente. Farto de repetir pela sexta vez o motivo da 5^a parte da quadrilha, o Rabequinha fez aos companheiros um signal de convenção, e bruscammente a orchestra passou, sem transição, a tocar a dança da moda.

Um bravo geral applaudio a melodia cadenciada e monotona da *Varsoviana*, a cujos primeiros compassos correspondeu um viva prolongado. Os pares que ainda dançavam retiraram-se para melhor poder apreciar o engraçado cavalheiro do chapéu desabado, que, estreitando então a dama contra o côncavo peito, rompeu n'uma valsa vertiginosa, n'um verdadeiro turbilhão, a ponto de

se não distinguirem quasi os dous vultos que rodopiavam entrelaçados, espalhando toda a gente e derribando tudo quanto encontravam. A moça não sentia mais o soalho sob os pés, milhares de luzes offuscavam-lhe a vista, tudo rodava em torno d'ella; o seu rosto exprimia uma angustia suprema, em que alguns maliciosos sonharam vêr um extase de amor.

No meio d'essa estupenda valsa, o homem deixa cahir o chapéu, e o tenente-coronel que o seguia assustado para lhe pedir que parasse, vio com horror que o tal sujeito tinha a cabeça furada. E em vez de ser homem era um bôto, sim, um grande bôto, ou o demonio por elle, mas um sr. bôto que affectava, como por maior escarneo, uma vaga semelhança com o Lulú Valente. O monstro, arrastando a desgraçada dama pela porta fôra, espavorido com o signal da cruz feito pelo Bento de Arruda, atravessou a rua sempre valsando, ao som da *Varsoyiana*, e chegando á ribanceira do rio, atirou-se lá de cima com a moça imprudente, e com ella se atufou nas aguas.

D'es d'essa vez ninguem quiz voltar aos bailes do Judeu.

Praia do Embaré — 1886.

L. DOLZANI.

A MORTE DA AGUIA

A bordo vinha uma aguia. Era um presente
Que um potentado — um certo rei do Oriente,
Mandava a outro : — um mimo soberano,
Era uma aguia real. Entre a sombria
Grade da jaula o seu olhar luzia,
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava
Ao niveo collo a fronte que scismava...
E emquanto as ondas turbidas gemiam
Ao som do vento — em lugubres lamentos,